

Introdução

A publicação de *As Rotas da Seda: Uma Nova História do Mundo*, em 2015, teve um impacto significativo. Enquanto autor, esperava naturalmente que as pessoas pudessem ler e apreciar aquilo que eu tinha escrito; porém, na condição de historiador e académico, há muito que descobrira que os assuntos que queria investigar eram de limitado interesse para os outros. Em jantares e beberetes, as conversas acerca do meu trabalho de investigação não se alongavam muito, por norma, e, mesmo quando me encontrava com os meus colegas, os assuntos que nos ocupavam estavam geralmente associados a épocas ou a territórios de interesse mútuo.

Por conseguinte, o sucesso de *As Rotas da Seda* apanhou-me de surpresa. Pude então constatar que muitas pessoas queriam de facto aprender mais sobre o mundo, precisamente como tinha acontecido no meu caso, nos anos da minha juventude. Afinal de contas, eu não era o único a querer aprender mais sobre outros povos, culturas e regiões que tinham gozado de uma gloriosa reputação no passado e que a perseverante narrativa de versões mais recentes da história tinha acabado por relegar para o esquecimento. Rapidamente se tornou evidente que o facto de se ter desviado o foco de uma familiar história da Europa e do Ocidente, apontando-o para a Ásia e para o Oriente, representava uma lufada de ar fresco para muitos leitores.

O mesmo sucedeu ao averiguar-se o papel das ligações que uniram os continentes durante os milénios. Na segunda metade do

século XIX, o geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen arranhou um termo para descrever a rede de intercâmbios que unia a China da dinastia Han ao mundo além-fronteiras. Designou estas ligações como *die Seidenstraßen* — ou “As Rotas da Seda” — um termo que cativou o imaginário dos eruditos e da generalidade do público na mesma medida.¹

O conceito de Rotas da Seda de Richthofen revelava-se vago no sentido de identificar com precisão o alcance geográfico em que bens, ideias e povos circulavam entre a Ásia, a Europa e a África, e era igualmente impreciso a explicitar como se tinha estabelecido a ligação entre o oceano Pacífico e o Mar da China Meridional com o Mediterrâneo, e, mais tarde, com o oceano Atlântico. Na verdade, a imprecisão do significado da expressão Rotas de Seda tem também a sua utilidade, nem que seja pelo facto de que não se tratar de “rotas” no sentido moderno da palavra ou por essa mesma expressão obscurecer a diferença entre o comércio que compreende longas e curtas distâncias, ou mesmo porque muitos outros bens e mercadorias além da seda eram igualmente comercializados, e, em alguns casos, a uma maior escala do que os dispendiosos têxteis.

De facto, a expressão Rotas da Seda é ilustrativa no sentido de descrever as formas como os diferentes povos, culturas e continentes se foram urdindo entre si numa imensa teia, e ao fazê-lo acaba por nos ajudar a compreender melhor o modo como as religiões e as linguagens se disseminaram no passado, não deixando, ao mesmo tempo, de nos mostrar como as noções acerca da gastronomia, da moda e da arte foram sendo difundidas, competindo entre elas e apropriando-se umas das outras. As Rotas da Seda ajudam a evidenciar a centralidade do controlo de recursos e do comércio de grandes distâncias, e assim acabam por explicar os contextos e as motivações que levaram à realização de expedições por desertos e oceanos, por sua vez essenciais à construção dos grandes impérios. As Rotas da Seda revelam como a inovação tecnológica encontrou estímulos ao longo de milhares de milhas, e como a violência e a doença obedeceram frequentemente aos mesmos padrões de destruição. As Rotas da Seda permitem-nos

perceber o passado não como uma série de períodos históricos e territórios isolados e distintos uns dos outros, autorizando-nos ao invés disso a perceber os ritmos da história em que o mundo foi desenvolvendo ligações ao longo dos milénios, enquanto parte de um passado mais vasto, verdadeiramente global e inclusivo.

Se eu tivesse escrito *As Rotas da Seda* há vinte e cinco anos, o assunto do livro ter-se-ia revelado igualmente atual. Nos começos da década de 1990, o Muro de Berlim foi demolido e a União Soviética desmoronou-se, instigando uma tremenda convulsão política e social não só na Rússia como também em todas as quinze repúblicas constituintes que vieram a tornar-se independentes. O começo da década de 1990 ficou também marcado pela Primeira Guerra do Golfo, que veio a revelar-se estreitamente associada à subsequente intervenção no Iraque no começo do século xx. Tratou-se de um período de profundas mudanças na China, onde uma série de reformas estaria prestes a impulsionar a ascensão do país não enquanto superpotência regional mas, sim, global. Nessa época, os ventos da mudança atravessavam também a Turquia, a Índia, o Paquistão, o Afeganistão, o Irão, e um pouco por todo o Médio Oriente, precisamente porque é isso que sempre acontece por toda a extensão das Rotas da Seda, a rede de contactos que representa o sistema nervoso central do mundo.

Poucas semanas depois de o meu livro ter sido publicado, no verão de 2015, almocei em Londres com um amigo, que foi um dos primeiros a lê-lo. “Achei-o estranhamente reconfortante”, disse-me. “Fez-me perceber que a mudança é normal, que as grandes deslocações do centro global de poder ocorrem com bastante frequência, e que, afinal de contas, este mundo aparentemente caótico e desconhecido pode não ser tão estranho e insólito quanto parece.”

*

Muito mudou entretanto, inclusive desde os poucos anos que decorreram após a publicação de *As Rotas da Seda*. Do meu ponto de vista enquanto historiador, ocorreu uma série de desenvol-

vimentos extremamente entusiasmantes na forma como podemos compreender o passado. Vários académicos cujas áreas de investigação compreendem diferentes assuntos, períodos históricos e regiões têm produzido obras que não só são inovadoras como também empolgantes. Os arqueólogos, fazendo uso de imagens de satélite e de análise espacial, conseguiram identificar sistemas de irrigação compostos por cisternas, canais e barragens que remontam ao século IV d. C., sistemas esses que explicam como é que as colheitas cresciam em condições inóspitas no noroeste da China numa época em que as trocas comerciais com o mundo além-fronteiras começavam a desenvolver-se.²

Os investigadores que trabalham no projeto Afghan Heritage Mapping Partnership vieram a ter acesso à informação captada por satélites comerciais e por satélites espões, bem como por drones usados no Afeganistão em missões de reconhecimento militar. Isto permitiu que se elaborasse uma representação detalhada de toda uma infraestrutura composta por caravançerais, canais de água e complexos habitacionais que noutros tempos haviam abrigado viajantes de passagem pelo centro da Ásia, e essa representação operou uma transformação na forma como compreendemos o modo como as Rotas da Seda do passado se encontravam interligadas.³ O facto de uma grande parte deste trabalho se realizar à distância revela também a forma como a investigação que é feita no início do século XXI está a evoluir.⁴

Os avanços na metodologia científica puderam também projetar uma nova luz sobre a relação entre os nómadas e aqueles que na era pré-moderna habitavam o centro da Ásia. As análises dos isótopos de carbono e de nitrogénio com base em setenta e quatro restos mortais recolhidos em catorze túmulos na Ásia Central revelam os hábitos alimentares particulares daqueles que viviam em comunidades sedentárias, hábitos esses que contrastam com os das comunidades nómadas, sugerindo ao mesmo tempo que os nómadas gozavam de uma maior variedade de géneros alimentícios do que aqueles que habitavam em aldeias, vilas e cidades. Por sua vez, este fator suscita questões relevantes no que diz respeito ao papel desempenhado pelas populações migratórias ao

introduzirem novas tendências e promoverem a proliferação de transformações culturais por centenas, se não mesmo milhares de milhas de território.⁵

Entretanto, têm sido usadas provas do foro genético e etnolinguístico para demonstrar como a proliferação dos bosques de nogueiras e a evolução da linguagem coincidiram em vastas e distintas extensões do território asiático. Os vestígios fossilizados de sementes de noz desidratadas sugerem que as nogueiras foram deliberadamente plantadas como investimentos agrícolas a longo prazo, por comerciantes e por viajantes que percorriam as Rotas da Seda, e essa descoberta, por sua vez, abre caminho para novas formas de compreensão no que diz respeito à relação entre o domínio da natureza e o impacto que tiveram os crescentes níveis de trocas comerciais locais, regionais e além-fronteiras. Para lá da sua importância noutras vertentes, as Rotas da Seda representaram uma espécie de “corredores genéticos”, tanto para os humanos como para a flora e a fauna.⁶

Ao mesmo tempo, existe também uma nova linha de investigação que associa as origens do iídiche às trocas comerciais efetuadas por toda a Ásia, defendendo que a evolução dessa língua esteve intimamente ligada a medidas destinadas a proteger a segurança das transações, engendrando-se então uma linguagem que pudesse ser unicamente compreendida por uns quantos eleitos.⁷ Este aspeto parece ter uma ressonância evidente no mundo do século XXI, onde a criptomoeda ou a tecnologia *blockchain* são usadas para resolver a dificuldade de garantir um nível de segurança adequado para que os comerciantes possam realizar as suas transações. Por outro lado, os impressionantes vestígios obtidos através de amostras de núcleos de gelo, graças a recentes tecnologias, podem ser hoje usados para repensar o impacto devastador da Peste Negra a uma nova luz, revelando o alcance do colapso na produção do metal em meados do século XIV.⁸

Em 2017, foi levantado o segredo oficial de uma série de documentos em que se registaram as reuniões celebradas em Washington, em 1952, entre o ministro britânico, *Sir* Christopher Steel, e o secretário de Estado adjunto, Henry Byroade, com vista a deba-